

MANGUEIRA VESTIBULAR – MV ANÁLISE/AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE: LEITURA DA PAISAGEM

*MANGUEIRA VESTIBULAR - MV
ANALYSIS/EVALUATION OF THE
ACTIVITY: READING THE LANDSCAPE*

*MANGUEIRA VESTIBULAR - MV
ANÁLISIS/EVALUACIÓN DE LA
ACTIVIDAD: LECTURA DEL PAISAJE*

Marcos Antônio Campos Couto

Professor Titular da UERJ-FPP; Sócio da Seção Local Niterói da AGB

Leon Diniz

Professor do CEAT; Sócio da Seção Local Rio da AGB

Paulo Roberto Raposo Alenjetano

Professor Titular da UERJ-FPP; Sócio da Seção Local Rio da AGB

Nahylson Marcelino Brandão Rodrigues

(In Memoriam); Professor da UFPA; Sócio da Seção Local Niterói da AGB



Professor Nahylson da Equipe de Geografia do Manguera Vestibulares

Resumo:

Relato de Experiência, escrito nos anos 1990, teve por objetivo sistematizar as atividades realizadas com os estudantes do pré-vestibular comunitário Manguera Vestibulares, servindo de reflexão sobre a prática de jovens docentes. Teve a intenção de discutir a geografia como ciência que busca entender a sociedade analisando sua organização territorial, tendo como ponto de partida a descrição e "leitura" da paisagem. Dos debates em aula, dois temas surgiram para desdobramentos: o processo do trabalho como fundamento das relações entre os homens e destes com a natureza; e a cidade como palco privilegiado do trabalho fabril - a forma histórica do trabalho no capitalismo - a divisão e especialização do trabalho, a alienação do trabalho, articulação com o campo, problemas das cidades etc. A publicação deste texto, reencontrado recentemente com o papel já amarelado, é o resgate de uma memória de amigos e uma homenagem ao professor Nahylson Marcelino Brandão Rodrigues falecido em 2006.

Palavras-chave: Manguera Vestibulares;
Ensino de Geografia; Leitura da Paisagem.

REVISTA FLUMINENSE DE GEOGRAFIA	Niterói (RJ)	2024 v. 4 n. 2 (jul-dez) 2025 v. 5 n. 1 (jan-jun)	e-ISSN: 1980-9018
---------------------------------------	--------------	--	-------------------

Abstract:

Experience Report, written in the 1990s, aims to systematize the activities carried out with students of the Mangueira Vestibulares community preparatory course, serving as a reflection on teaching practice. The intention was to discuss geography as a science that understands society through its territorial organization, starting from the description and "reading" of the landscape. Two themes emerged for development: the work process as the basis of relationships between people and between people and nature; and the city as the stage for factory work - the historical form of work in capitalism - the division and specialization of labor, the alienation of labor, articulation with the countryside, problems of cities, etc. The publication of this text, found again on yellowed paper, is the recovery of a memory of friends and a tribute to Professor Nahylson Marcelino Brandão Rodrigues who died in 2006.

Keywords: Mangueira Vestibulares; Teaching of Geography; Reading the landscape.

Resumen:

El Informe de Experiencia, escrito en la década de 1990, busca sistematizar las actividades realizadas con estudiantes del curso preparatorio comunitario de Mangueira Vestibulares, sirviendo como una reflexión sobre la práctica docente. La intención era discutir la geografía como ciencia que comprende la sociedad a través de su organización territorial, a partir de la descripción y la lectura del paisaje. Dos temas surgieron para su desarrollo: el proceso de trabajo como base de las relaciones entre las personas y entre estas y la naturaleza; y la ciudad como escenario del trabajo fabril —la forma histórica del trabajo en el capitalismo—, la división y especialización del trabajo, la alienación del trabajo, la articulación con el campo, los problemas de las ciudades, etc. La publicación de este texto, encontrado de nuevo en papel amarillento, es la recuperación de la memoria de amigos y un homenaje al profesor Nahylson Marcelino Brandão Rodrigues, fallecido en 2006.

Palabras-clave: Mangueira Vestibulares; Ensino de Geografia; Leytura del paisaje.

Introdução¹

Nossa primeira atividade teve a intenção de introduzir/discutir a geografia como ciência que busca explicar/entender a sociedade analisando sua organização territorial.

Metodologicamente, nosso ponto de partida é a leitura da paisagem, que constitui o nível mais aparente da organização espacial de uma determinada sociedade, mas que não se explica por si só, necessitando buscar níveis mais aprofundados de leitura que expliquem a própria constituição da paisagem.

Na verdade, metodologicamente, é um movimento permanente de ida e vinda, partindo do aparente (a paisagem), passando pelo nível intermediário da organização espacial, atingindo o nível mais profundo da essência da paisagem e da organização do espaço: a própria sociedade; e assim sucessivamente.

Neste caminho, que parte do concreto e mergulha na busca de sua essência mais profunda e retorna ao concreto, temos a intenção de reproduzir o concreto no pensamento, de transformar o concreto em concreto pensado.

Portanto, os conceitos de geografia, espaço e paisagem são introdutórios, no sentido da compreensão do que é e de como esta ciência se propõe a revelar/explicar/entender a sociedade.

1 O presente Relato de Experiência, escrito nos anos 1990, teve por objetivo sistematizar teórico-metodologicamente o conjunto de atividades realizadas com os estudantes do pré-vestibular comunitário Mangueira Vestibulares - que funcionava ou funciona no Colégio Estadual Ernesto Faria -, e, assim, servir de reflexão sobre a prática pedagógica e o ensino de Geografia da equipe de jovens professores de Geografia. A publicação deste texto, reencontrado recentemente com o papel já amarelado, é o resgate de uma memória de amigos e uma homenagem ao professor Nahylson Marcelino Brandão Rodrigues falecido em 2006.

A Atividade

1. Descrição

Levamos várias revistas (*Isto É*, *Veja*, *Cadernos do Terceiro Mundo*, *Revista de Domingo do JB*) e distribuímos em grupos de 5/6 pessoas. Solicitamos a eles que escolhessem qualquer fotografia, imagem, paisagem que quisessem. A partir da escolha, eles procederiam a uma observação e análise da paisagem escolhida, construindo um texto que ao final deveria ser lido para a turma.

A orientação para observação/análise foi no sentido de apresentarem no texto, não somente o que as paisagens mostravam (descrição da paisagem), mas o que eles percebiam nela, que conclusões poderiam chegar após sua observação.

Após a primeira observação/análise, trocamos entre os grupos as diferentes paisagens, a fim de que cada uma fosse analisada por dois grupos, para que ao final pudéssemos comparar as observações e conclusões.

Nossa intenção, como já afirmamos, foi fazer um exercício de leitura de paisagem, buscando revelar que "por trás" de cada paisagem há uma determinada estrutura social que organiza o espaço e produz as diferentes paisagens.

2. Análise dos resultados

Na exposição dos textos percebemos, nós e a turma, que todos tocaram na questão do contraste social. Até mesmo um grupo que escolheu uma foto do Cristo Redentor, na verdade um cartão postal, fez o seguinte comentário:

"...quando falamos em Rio de Janeiro, cidade maravilhosa, mostramos apenas as belas paisagens da zona sul e o Cristo Redentor com seus braços abertos."

As demais paisagens mostravam aspectos marcantes do contraste social presentes em nossa sociedade e, a partir disso, construíram os textos.

Ao final da exposição de todos os grupos, ao indagar do porquê todos se referiram à questão social, nos responderam: é a nossa realidade de vida.

Portanto, ao escolherem as paisagens, havia uma problemática que contagiava os grupos e, na verdade, a turma toda: a questão social.

Acreditamos que podemos considerar, para alguns alunos (que trabalharam conosco no ano passado), uma certa "contaminação" pelas constantes abordagens de crítica social presentes em nossas aulas. Mas não queremos superestimar nossas influências, além de que, estes alunos constituem uma minoria.

Ao projetarem nas paisagens suas preocupações, sua problemática, a descrição em si das paisagens não foi realizada a contento por alguns grupos. Estes partiram não só para as explicações e causas do contraste social, mas também para diversos problemas sociais que a própria paisagem escolhida não revelava.

A observação e análise das paisagens e de outros dados empíricos não pode ser negligenciada, pois assim corremos o risco de construir ideias sobre a realidade não só generalizantes, mas também deformadas. Por outro lado, ao observar o mundo projetamos nossos pensamentos, nossas ideias, preocupações, nossas concepções de mundo, sociedade, homem. Ou seja, ao pesquisar a realidade concreta, uma problemática é indiscutivelmente necessária, como também é indispensável captar os movimentos da realidade a fim de que possamos dar respostas efetivas aos questionamentos que fazemos à própria realidade que queremos compreender e transformar (MOREIRA, 2007; 2010; 2016).

Após essa crítica ao processo de trabalho efetivado pela turma, tentamos levantar sinalizações que o conteúdo dos textos faz para o nosso conteúdo de geografia e/ou outras ciências. É importante salientar que tudo que é produzido pela turma, além de estimulante, é indispensável à troca de conhecimentos que queremos instaurar de forma sistemática. Por outro, apenas dessa maneira podemos avaliar todo o nosso processo de construção e reprodução de conhecimentos e a partir daí orientar as nossas práticas futuras.

Nos parece que a problemática social como questão para a turma do MV não constituiu uma surpresa. A realidade na qual trabalhamos e o processo de seleção de alunos mostraram este perfil

de turma. O mais importante para nós, professores, é pensar as nossas ciências/conteúdos ajustados pela maneira como os alunos sentem e pensam a problemática social. Portanto, é desta relação ciência/sociedade/MV que deverá surgir os nossos conteúdos e metodologias de trabalho. Para isso é necessário captar, analisar, não só a sua realidade de vida, mas também a percepção que os alunos têm dela.

Já indicamos a necessidade de levantar dados empíricos sobre a realidade da Comunidade da Mangueira, mas neste momento faremos a análise dos textos dessa nossa primeira atividade, buscando captar a percepção dos alunos.

Após análise dos 9 textos, agrupamos o seu conteúdo em 3 grandes problemáticas:

- A questão da pobreza
- A questão da cidade
- A questão da favela

Uma quarta problemática, menos enfatizada, foi a da relação sociedade-natureza, que tentamos tecer algumas considerações ao final.

Com relação à temática da pobreza, foram apontadas as seguintes causas:

1. Apareceram em quase todos os textos:
 - Má distribuição de renda.
 - Baixos salários (mão-de-obra barata).
 - Desemprego.
2. Apareceram apenas em um texto:
 - Desinteresse do governo
 - Falta de conhecimento
 - Alta taxa de natalidade
 - Alto custo de vida
 - Falta de verbas para educação e saúde

Como soluções apontadas, variavam desde maiores salários e mais emprego, apresentado de forma implícita, até melhores

condições de vida, como água, luz, esgoto, além de indicarem a união dos grupos em torno de interesses comuns, próprios.

No que diz respeito às causas, notamos que se restringiu, como nos chavões de diversos livros didáticos e dos nossos debates em geral, sobretudo ao aspecto da distribuição da riqueza produzida, por intermédio de salários, via emprego. Torna-se necessário, junto com a turma, levar este raciocínio, que mesmo insuficiente é importante, ao seu limite, verificando que mesmo em países "desenvolvidos", por exemplo, as questões do desemprego e da distribuição/concentração de renda não foram equacionadas, e mais fundamental ainda: associar, relacionar, articular os problemas da distribuição de renda, do desemprego, da distribuição do consumo (ou mais marxistamente falando: dos aspectos da circulação) à forma como é produzida a riqueza: quem produz, como produz, para que e para quem produz.

Ou seja, devemos introduzir conceitual e historicamente a forma como o trabalho como produtor de riquezas na relação auto mediadora do homem com a totalidade natureza. O homem por intermédio do trabalho, ao mesmo tempo que transforma a natureza em bens necessários à sua sobrevivência, transforma a si próprio, constituindo nesse processo o fundamento sobre o qual se estrutura a natureza humana (MARX, 2013).

Mas no capitalismo, pela forma alienada como é realizado, o trabalho não humaniza o homem, o degrada. Daí a necessidade de discutirmos o trabalho no capitalismo: a propriedade dos bens e instrumentos de produção, a exploração do trabalho, a divisão e alienação do trabalho, até chegarmos aos seus reflexos na circulação e consumo de toda a riqueza produzida (MARX, 2011; 2013).

Ainda sobre as causas da pobreza, é necessário destacar dois pontos: desinteresse do governo e alta taxa de natalidade.

No primeiro item, é necessário aprofundar com a turma o significado, o sentido do governo, do Estado numa sociedade de classes. O Estado, apesar de admitir, como toda estrutura social, contradições em seu interior, ele sempre será majoritariamente o representante de uma classe social e que, portanto, se guiará pelos interesses dessa classe que domina econômica e ideologicamente a sociedade. Portanto, não é por falta de interesse que o governo não

privilegia aquele lugar ou outro grupo social, mas sim porque seu projeto de sociedade privilegia outros grupos.

Com relação às altas taxas de natalidade, é necessário chegar aos limites desse raciocínio e fundamentalmente cortar o ciclo vicioso de que o aumento da população aumenta a miséria, que por sua vez aumenta a taxa de natalidade e assim sucessivamente.

Cada modo de produção tem sua lei de população. É necessário, portanto, discutir a lei de população do capitalismo, apontando as causas do crescimento diferenciado da população, a distribuição pela superfície terrestre e, sobretudo, como a estrutura e o comportamento da população estão subordinados à forma como os grupos sociais se inserem na produção das riquezas materiais e espirituais; enfim, da totalidade da vida.

A respeito da problemática da cidade retiramos as seguintes conceituações/caracterizações:

- "má distribuição da população."
- "cidade como palco de um crescimento desordenado, pessoas morando amontoadas e sem condições."
- "cidade como o centro das atenções da população de baixa renda."
- "ocupação desordenada é devido ao crescimento das metrópoles."
- "espaço demográfico de uma cidade - a favela como realidade do êxodo rural - expulsão dos camponeses pelo latifúndio."
- "...a parte elitizada da cidade com toda sua infraestrutura... em contraste com as comunidades carentes..."
- "alta densidade demográfica - população se concentrando na capital e periferia dos grandes centros urbanos."

Precisamos definir com a turma, ou melhor, construir com ela, o conceito de cidade. Ao defini-la, explicitaremos sua funcionalidade na lógica de funcionamento da sociedade burguesa. E mais uma vez devemos referir à forma histórica que o trabalho assume no capitalismo: o trabalho fabril. A partir da lógica do trabalho industrial, a necessidade de agrupar produtores e consumidores para que a reprodução do capital se acelere, e a exploração do trabalho pela extração da mais-valia, vamos dissecando toda a estrutura

econômica e social capitalista e, conseqüentemente, sua organização territorial: a mega urbanização, a relação de migração campo-cidade, a degradação do meio ambiente etc.

No que diz respeito à problemática da favelização, precisamos aprofundar com a turma as causas explicitadas² com o processo de industrialização da sociedade brasileira e sua reorganização territorial: o processo de urbanização articulado à estrutura agrária concentradora e à penetração de tradições capitalistas de produção do campo. Isto significa pensar, por exemplo, a história da formação da Comunidade da Mangueira no contexto das transformações ocorridas em consequência do processo de industrialização/urbanização brasileira.

O desmatamento e conseqüente ocupação das encostas cariocas, como reflexão da apropriação que a sociedade faz da natureza, deve ser colocada no âmbito da discussão do processo de industrialização/urbanização capitalista. No entanto, devemos introduzir com qual conceito de natureza estamos operando e, sobretudo, o fato de que a relação dos homens com a natureza é resultado das relações entre os próprios homens.

Conclusão

Pensando no que poderíamos apontar para articulação, integração das diversas áreas de conhecimento, destaco os temas abaixo, considerando que as questões da pobreza, da cidade, da favela são manifestações de uma determinada estrutura social, que deve ser dissecada, pensada teórica e praticamente.

Em primeiro lugar, o processo do trabalho como fundamento das relações entre os homens e destes com a natureza, que, ao mesmo tempo em que criam riquezas, também produzem o próprio homem. E daí a construção com a turma de uma concepção de homem, trabalho e natureza.

Em segundo lugar, a cidade como palco privilegiado do trabalho fabril - a forma histórica do trabalho no capitalismo - a

2 Aluguéis caros, transporte caro e precário, proximidade do local de trabalho.

divisão e especialização do trabalho, a alienação do trabalho, articulação com o campo, problemas das cidades etc.

Temas (conteúdos) que devem ser tratados no movimento que parte do aparente (a paisagem), passa pelos níveis intermediários do domínio do território e da organização espacial, para atingir a essência da sociedade burguesa.

Referências

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858 - Esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MOREIRA, Ruy. Conceitos, categorias e princípios lógicos para o método e o ensino da geografia. In MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007, pág. 105-118.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense. 2ª edição, 2010.

MOREIRA, Ruy. O espaço e o território: conceitos e modos de uso. In MOREIRA, R. **A Geografia do espaço-mundo**: conflitos e superação no espaço do capital. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016; pág. 211-221.